



**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA
EDUCAÇÃO PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E
INTERDISCIPLINARES**

TEDJANES DE ALMEIDA RIBEIRO

**PROCESSOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: UM
ESTUDO DE CASO EM UMA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO**

**João Pessoa – PB
2015**

TEDJANES DE ALMEIDA RIBEIRO

**PROCESSOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: UM ESTUDO DE
CASO EM UMA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização, Fundamentos da Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Especialista em Educação.

Orientadora: Prof. Dra. Germana Alves de Menezes

**João Pessoa – PB
2015**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica.

Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

R484p Ribeiro, Tedjanes de Almeida.
Processos de avaliação da aprendizagem [manuscrito] : um estudo de caso em uma escola de Ensino Médio / Tedjanes De Almeida Ribeiro. - 2014.
52 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Profa. Dra. Germana Alves de Menezes, Departamento de Educação".

1. Aprendizagem. 2. Formação docente. 3. Avaliação escolar. I. Título.

21. ed. CDD 371.27

TEDJANES DE ALMEIDA RIBEIRO

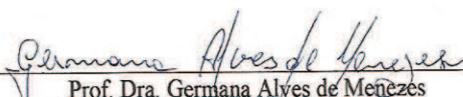
**PROCESSOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: UM ESTUDO DE
CASO EM UMA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO**

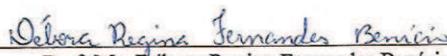
Monografia apresentada ao Curso de Especialização,
Fundamentos da Educação: práticas pedagógicas
interdisciplinares, da Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento às exigências para obtenção do título de
Especialista em Educação.

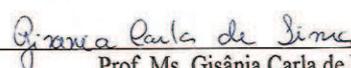
Orientadora: Prof. Dra. Germana Alves de Menezes

Aprovada em: 19/07/2014

Banca Examinadora


Prof. Dra. Germana Alves de Menezes
Orientadora


Prof. Ms. Débora Regina Fernandes Benício
Examinadora


Prof. Ms. Gisânia Carla de Lima
Examinadora

DEDICATÓRIA

Dedicamos este trabalho primeiramente à Deus, que nos ajudou a chegar até esse nível de aprendizado e em segundo lugar, dedicamos este trabalho à todos os professores e orientadoras da Universidade Estadual da Paraíba, em especial a professora Germana Menezes, por muito ter contribuído em nosso desempenho, transmitindo os conhecimentos necessários na área da educação.

AGRADECIMENTOS

Á Deus por todas as condições que nos deu de chegarmos até aqui e de termos concluído este curso; apesar dos obstáculos enfrentados, é motivo de muitos agradecimentos por tudo o que nos permitiu.

Agradecemos às nossas famílias pelo apoio que nos deram em toda trajetória do curso e por sempre estenderem as mãos para nos ajudar em nossas dificuldades.

Por fim agradecemos também ao corpo docente por todos os conhecimentos transmitidos até o final do curso e que Deus abençoe a cada um grandemente.

“A relação educador - educando não deve ser uma relação de imposição, mas sim uma relação de cooperação, de respeito e de crescimento.”

(Libâneo)

RESUMO

A ausência de uma educação escolar de boa qualidade, efetivada por professores bem preparados e conscientes da importância social da escola, pode comprometer o desenvolvimento das inteligências necessárias a um mundo que demanda muita produção de conhecimento e mentes inovadoras. A proposta de pesquisa diz respeito à formação e ao aperfeiçoamento dos professores em avaliação educacional. Redimensionar essa formação, aprofundando estudos sobre concepções teóricas e metodológicas de avaliação.

Palavras chaves: Avaliação da aprendizagem; Formação de professores.

ABSTRACT

The absence of a primary education of good quality, well-prepared teachers for effective and aware of the social importance of the school, may impair the development of intelligence necessary to a world that demands a lot of knowledge production and innovative minds. Our proposed research concerns the role of the teaching staff in teacher in-service. Considering our research purpose, our attention turns to the performance of teaching staff with teachers, specifically the actions that outline possibilities of forming themselves as focused on the continuing education of teachers in the workplace. Contribute to the discussion and scientific production on this performance in continuing teacher education process, showing how it is seen by teachers and how he sees himself in this activity. The methodology to be used will be qualitative, qualitative methodology, more than any other, raises ethical questions, primarily due to the proximity between researcher and researched.

Keywords: Review, Practice, Learning, Training.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
I – CONCEPÇÕES DE AVALIAÇÃO EDUCACIONAL	13
1.1. Concepções oficiais de avaliação	13
1.2. Concepções de alguns teóricos sobre avaliação	16
II – MODALIDADES E INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO	17
2.1. Modalidades de avaliação.....	18
2.2. Instrumentos de avaliação	25
III – METODOLOGIA E APRESENTAÇÃO DOS DADOS	32
3.1. Situando a escola-campo de nossa investigação.....	33
3.2. Identificação dos entrevistados.....	34
IV – ANÁLISE DOS DADOS.....	35
4.1. O processo de avaliação no cotidiano escolar	35
4.2. O educador e o educando frente ao processo de avaliação.....	38
4.3. A compreensão do educador acerca do processo de avaliação	39
4.4. A equipe pedagógica e o processo de avaliação.....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS.....	43
APÊNDICES	44

INTRODUÇÃO

A reflexão sobre o tema avaliação da aprendizagem vem sempre acompanhada de dúvidas, angústias, incertezas e incoerências. Nossa sociedade reserva às instituições escolares o poder de conferir notas e certificados que, supostamente atestam o conhecimento de cada um de seus alunos, o que torna muito grande a responsabilidade de quem avalia. Durante certo tempo a palavra avaliar foi usada como sinônimo de medir. Porém essa abordagem, que identifica a avaliação como medida deixa transparecer uma limitação.

Quando se pensa em discutir avaliação, é preciso ter em mente que essa etapa do processo de ensino e aprendizagem encontra-se, quase sempre relacionada com a prática escolar. Portanto, é preciso que tenhamos, cada vez mais, profissionais comprometidos com a sua prática. Diante disso, o processo educacional tem sido objeto de inúmeras pesquisas, reflexões e intervenções na busca constante de aperfeiçoamento. E nesse sentido a avaliação é hoje em dia uma atividade constante na prática de profissionais de diversas áreas.

Avaliar a aprendizagem do educando significa também verificar a qualidade das práticas de ensino e das instituições responsáveis por esse ensino, pois quando identificamos problemas na aprendizagem dos alunos, devemos buscar problemas que também podem estar ocorrendo nas práticas de ensino e que o professor também deve ser avaliado e não somente avaliar o pouco desenvolvimento por parte do aluno.

A avaliação é uma tarefa didática, necessária e permanente do trabalho docente que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino e aprendizagem. É uma reflexão sobre o nível de qualidade do trabalho tanto do professor como dos alunos.

Quando usamos o termo avaliar, porém, estamos nos referindo não apenas ao aspecto de aprendizagem, mas também a aquisição de conhecimentos e informações decorrentes dos conteúdos curriculares, quanto às habilidades, interesses, atitudes, hábitos de estudos e ajustamento pessoal e social.

Esta pesquisa teve por objetivo investigar as concepções de avaliação que permeiam o cotidiano escolar, assim como analisar o papel da avaliação no dia a dia da escola Estadual Professora Maria do Carmo de Miranda.

Dessa forma, o objetivo desse trabalho consistiu em apresentar uma reflexão sobre o processo de avaliação da aprendizagem na referida escola. Para tanto, buscou-se realizar os seguintes objetivos específicos: desenvolver uma pesquisa bibliográfica acerca da questão da avaliação educacional, com ênfase nas concepções de avaliação presentes nos meios formais de ensino; discorrer sobre as diferentes modalidades de avaliação e alguns instrumentos avaliativos; e, por fim, analisar o processo de avaliação desenvolvido pelo corpo docente deste estabelecimento de ensino.

Através de consultas bibliográficas e entrevistas com pessoas ligadas ao processo de avaliação no ambiente escolar, foram levantados dados relevantes que deram suporte para a realização da pesquisa.

Em grande parte das escolas a nota é uma formalidade do sistema educacional, que faz com que seja confundida com a própria avaliação. A experiência, contudo, tem mostrado que a soma dos acertos de uma prova não reflete por si só o progresso do aluno. A decisão de não aprovar ou reprovar o aluno não deve ser expressão de castigo, é importante considerar simultaneamente os critérios de avaliação, os aspectos emocionais e sociais, tendo em vista a continuidade dos estudos sem fracassos. Muitos são os que não conseguem ingressar na escola ou nela permanecer, retratando assim erros e incompetências internas e externas.

A avaliação não deve se restringir ao julgamento sobre sucesso e fracasso dos alunos. Ela deve ser compreendida como um conjunto de práticas que tem a função de alimentar, sustentar e orientar a intervenção pedagógica do professor. Estes alunos também avaliam os seus colegas e, principalmente, o professor. O professor é avaliado sob diferentes critérios que vão desde sua aparência pessoal até as suas atitudes frente a turma ou sua relação, em termos de conhecimento, com a matéria que ensina.

Nesse sentido, o estudo realizado teve como problema a ser investigado a seguinte questão: Como se dá o processo de avaliação da aprendizagem, na Escola Maria Do Carmo de Miranda nas turmas do primeiro ano do ensino médio desta instituição? .

A partir do exposto, organizamos esse trabalho monográfico da seguinte forma: O primeiro capítulo, que tem como título Concepções de Avaliação Educacional, descreve sobre as concepções de avaliação segundo documentos oficiais e de alguns

teóricos. O segundo capítulo intitulado Modalidades e Instrumentos de Avaliação, explica as diferentes modalidades de avaliação e seus instrumentos avaliativos. O terceiro capítulo cujo título é Metodologia e apresentação dos dados descreve os passos utilizados no processo da pesquisa. O quarto capítulo analisa e discute, à luz dos teóricos estudados, os resultados dos dados obtidos através de um questionário aplicado aos professores. Concluindo-se esse trabalho com breves considerações acerca de todo o processo de estudo.

I – CONCEPÇÕES DE AVALIAÇÃO EDUCACIONAL

A maneira como concebemos o ensino e a aprendizagem determina diferentes procedimentos didáticos pedagógicos. Portanto, transformar os modos de ensinar implica além da busca teórica, redefinir um conjunto de valores que englobam não só a educação, mas a forma de pensar o mundo em geral. Sendo assim, precisam-se conhecer os valores que vêm definindo as ações para que, tendo consciência deles, possa-se optar por garantir sua permanência ou redefini-los.

Por uma maior identificação com o nosso objeto de estudo, inicialmente tomaremos como base o que é preconizado pela legislação e pela teoria.

1.1- CONCEPÇÕES OFICIAIS DE AVALIAÇÃO

Concepções sobre avaliação apresentadas em documentos oficiais, como a lei de diretrizes e bases (LDB), (BRASIL, 1996), os parâmetros curriculares nacionais (PCN), (BRASIL, 1997) e o projeto político pedagógico (PPP) (2014) da escola pesquisada.

A LDB de 1961 trata somente dos aspectos quantitativos em relação à avaliação.

Seguindo o fluxo da história, encontramos a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de Nº 5692 de 1971, essa Lei, no que se refere á avaliação, conforme artigo: Art. 1º O ensino de 1º e 2º graus tem por objetivo geral proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de

auto-realização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania.

Destacando as diferenças e particularidades do sistema educacional nacional em cada estado da federação, Ghiraldelli Jr. afirma que elas evoluíram segundo essas especificidades, mas toma o estado de São Paulo como “exemplo para o entendimento da vida escolar naqueles anos” (1990, p. 28). Nesse exemplo, ele se detém na descrição da organização do ensino primário oficial do estado dividido em curso preliminar e complementar.

O primeiro grau laico e gratuito, destinado às crianças de 7 a 15 anos, raramente com permissão para funcionar em regime de co-educação, abrigava extenso currículo com as disciplinas:

Leitura; Escrita e Caligrafia; Moral Prática; Educação Cívica; Geografia Geral; Cosmografia; Geografia do Brasil; Noções de Física; Química e História Natural (Higiene); História do Brasil e Leitura Sobre a Vida dos Grandes Homens; Leitura de Música e Canto; Exercícios Ginásticos e Militares; Trabalhos Manuais Apropriados à Idade e [ao] Sexo (GHIRALDELLI JR., 1990, p. 28).

A linha de abordagem permanece operando, basicamente em dois sentidos: o primeiro agregando as intenções de partidos, governos e organizações diversas; o segundo indo do mais amplo debate filosófico às mais específicas discussões sobre a metodologia da relação ensino e aprendizagem. O parágrafo seguinte dedica-se a explicar o que o historiador da educação pode tomar como fonte de investigação no que diz respeito aos textos ou materiais iconográficos e similares, tais como:

Jornais periódicos oficiais, livros científicos e didáticos, revistas comuns e especializadas, manifestos de educadores, filmes de época, músicas, fotos, cartilhas, jornais de grêmios estudantis, jornais de sindicatos de professores, entrevistas com educadores, etc.. (GHIRALDELLI JR., 2009, p. 14).

A LDB de 1996 dá um grande avanço quando diz que além de preponderar os aspectos qualitativos sobre os quantitativos, a avaliação deve ser contínua e cumulativa, não em momentos isolados do resto do processo.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, mais conhecidos como PCN, é uma coleção de documentos que compõem a grade curricular de uma instituição educativa.

Esse material foi elaborado a fim de servir como ponto de partida para o trabalho docente, norteando as atividades realizadas na sala de aula

Em sua abordagem, os parâmetros curriculares nacionais (PCN) definem que os currículos e conteúdos não podem ser trabalhados apenas como transmissão de conhecimentos, mas que as práticas docentes devem encaminhar os alunos rumo à aprendizagem.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) determinam que a avaliação tenha a função de sustentar e orientar a prática pedagógica, de forma contínua e sistemática, além de enfatizar os aspectos qualitativos do conhecimento construídos pelo aluno, assumindo uma característica investigativa, sugerindo ainda a utilização de diferentes instrumentos de avaliação.

De acordo com os pressupostos expressos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a avaliação assume características democráticas e é compreendida como elemento mediador entre a aprendizagem e o ensino. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) apresentam uma preocupação em ampliar práticas avaliativas por meio de observações sistemáticas, análise das produções dos alunos e atividades diversificadas, sugerindo uma avaliação participativa, refletindo sobre atitudes docentes e o processo de tomada de decisões quando assim se expressa, definindo como:

Conjunto de ações que buscam informações, elemento de reflexão contínua para o professor sobre sua prática educativa, instrumento que possibilita ao aluno tomar consciência de seus avanços (PCN, 1997, p.56).

A avaliação, apesar de ser responsabilidade do professor, não deve ser considerada função exclusiva dele. Ainda de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), os critérios de avaliação devem permitir concretizações diversas por meio de diferentes indicadores, em função das características do aluno e dos objetivos e conteúdos definidos.

No que se refere às diretrizes curriculares, destacamos: a) a avaliação como meio de coleta de informações, tendo como funções a orientação, o apoio e assessoria do processo de ensino e aprendizagem; b) a avaliação como parte de um processo maior, de

acordo com uma filosofia de educação claramente definida. Nessa proposta são consideradas como pontos de referência, a participação e a conscientização, entre outros aspectos, que permeiam as questões mais amplas da sociedade.

É claro que cada instituição deve montar o seu Projeto Político Pedagógico, sua proposta pedagógica, adaptando esses conteúdos à realidade social da localidade onde está inserida. O documento é uma orientação quanto ao cotidiano escolar, aos principais conteúdos que devem ser trabalhados, a fim de dar subsídios aos educadores, para que suas práticas pedagógicas sejam da melhor qualidade.

1.2 - CONCEPÇÕES DE ALGUNS TEÓRICOS SOBRE AVALIAÇÃO

De acordo com Souza (1991), a tendência dos teóricos é defender a avaliação como um processo de desempenho, cuja função é diagnosticar e propiciar condições para o desenvolvimento dos alunos.

Já Cury (1997), refletindo sobre criticamente sobre os componentes básicos do processo educativo na visão pedagógica, analisa profundamente a questão da avaliação, destacando que:

As provas e exames são a medida ponderável do aprendizado, o documento de que na escola se faz algum trabalho. O objetivo da educação passa a ser um bom desempenho nos exames. Dessa forma a educação acaba por se tornar um processo voltado para a submissão das ordens recebidas que refletem e reproduzem as estruturas de denominações mais amplas (CURY, 1997, p. 16).

Alguns autores brasileiros como Luckesi, (1990 e 1995) e Soares (1981) têm denunciado essa unilateralidade da abordagem assim como a seletividade e discriminação envolvida no processo de avaliação assim praticada. Já Mediano (1992) direciona seus estudos sobre investigação da prática avaliativa em sua totalidade de forma contextualizada.

Na avaliação realizada como um processo de seleção, de classificação, são poucos os escolhidos nesse processo, proporcionando assim, a exclusão daqueles que,

por algum motivo, durante a avaliação pontual, não conseguiram obter o desempenho esperado. Segundo Luckesi (1984, p.35): “Com a função classificatória, a avaliação constitui-se num instrumento estático e frenador do processo de crescimento”.

O ato de avaliar tem seu foco, na construção dos melhores resultados possíveis, enquanto o ato de examinar está centrado no julgamento de aprovação ou reprovação. Portanto, a avaliação deve ser usada em prol da inclusão do indivíduo na sociedade através da construção de um saber e de um cidadão com criticidade. Para que se promova essa autonomia, a avaliação não pode ser feita de forma classificatória, na qual esse indivíduo é avaliado apenas em determinadas circunstâncias (provas e testes), pois estes muitas vezes são usados como ferramenta de “eutanásia” por aqueles que possuem o poder de avaliar, e assim esses professores determinam que quais alunos estejam fadados a um futuro desprovido do conhecimento. Afirma Luckesi (1984, p.37):

A avaliação educacional escolar assumida como classificatória torna-se, desse modo, um instrumento autoritário e frenador do desenvolvimento, possibilitando a uns o acesso e aprofundamento no saber, a outros a estagnação ou a evasão dos meios do saber.

A avaliação é um elemento integrante e regulador das práticas pedagógicas, mas assume também uma função de certificação das aprendizagens realizadas e das competências desenvolvidas. Além disso, tem influência nas decisões que visam melhorar a qualidade do ensino, assim como na configuração social quanto ao funcionamento do sistema educativo.

Souza (1991) verifica que a tendência dos teóricos é defender a avaliação como um processo de desempenho, cuja função é diagnosticar e propiciar condições para o desenvolvimento dos alunos.

II. MODALIDADES E INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO

De acordo com Sacristán (1998, p. 295), a avaliação educacional como uma ‘prática’, é pautada em algumas ações sequenciais e cumpre múltiplas funções, que se

apoiam numa série de ideias e formas de realizá-la. Ela vai responder a determinados condicionamentos do ensino institucionalizado. Havendo aqui uma relação direta entre a avaliação e as diversas funções sociais a que a escola se presta na sociedade em que está inserida. Como afirma o referido autor: “Estudar a avaliação é entrar na análise de toda a pedagogia que se pratica” (1998, p. 295).

2.1 – Modalidades de avaliação:

A avaliação da aprendizagem apresenta três funções básicas: diagnosticar (investigar), controlar (acompanhar) e classificar (valorar). Pautada a essas três funções, existem três modalidades de avaliação: diagnóstica, formativa e somativa, e é sobre essas três modalidades que passaremos agora a discorrer.

2.1.1. Avaliação diagnóstica

A avaliação diagnóstica é aquela que acontece geralmente no começo do ano letivo, antes do planejamento, onde o professor verifica os conhecimentos prévios dos alunos, o que eles sabem e o que não sabem sobre os conteúdos. Não tem a finalidade de atribuir nota. Na compreensão de Luckesi: para avaliar, o primeiro ato básico é o de diagnosticar, que implica como seu primeiro passo, coletar dados relevantes que configurem o estado de aprendizagem do educando ou dos educandos. Dessa forma:

A avaliação diagnóstica será com certeza, um instrumento fundamental para auxiliar cada educando no seu processo de competência e crescimento para a autonomia, situação que lhe garantirá sempre relações de reciprocidade (LUCKESI, 2002, p.44).

A avaliação diagnóstica não deve se realizar de uma forma solta e isolada. Conforme Luckesi, para que a avaliação diagnóstica seja possível, é preciso compreendê-la e realizá-la comprometida com a concepção pedagógica.

Essa forma de entender, propor e realizar a avaliação da aprendizagem exige que ela seja um instrumento da aprendizagem e não um instrumento de aprovação ou reprovação dos alunos. Este é o princípio básico e fundamental para que se venha a ser diagnóstica.

Pela avaliação diagnóstica o professor constata se os alunos estão ou não preparados para adquirirem novos conhecimentos e identifica as dificuldades de aprendizagem. Assim como é constitutivo do diagnóstico médico estar preocupado com a saúde do paciente, também é constitutivo da avaliação estar atentamente preocupada com o crescimento do educando.

2.1.2. Avaliação formativa

A avaliação formativa acontece durante o processo de ensino, com a função de repensá-lo, buscando outra proposta, uma forma do aluno aprender. Ela fornece dados para aperfeiçoar o processo ensino aprendizagem, verifica se os objetivos foram ou não atingidos. Também não é atribuída nota. De forma que a avaliação possa ser útil para orientar tanto o aluno como o professor. Fornece informações sobre o aluno, para melhorar sua atuação e dá elementos ao professor para aperfeiçoar seus procedimentos didáticos (LUCKESI, 1984).

A avaliação formativa com função de controle é realizada durante todo o decorrer do período letivo, com o intuito de verificar se os alunos estão atingindo os objetivos previstos, isto é, quais os resultados alcançados durante o desenvolvimento das atividades. É principalmente através da avaliação formativa que o aluno conhece seus erros e acertos, e encontra estímulo para um estudo sistemático (HAYDT, 1998).

A partir do momento que informa, a avaliação é formativa. A avaliação torna-se formativa na medida em que se insere em um projeto educativo específico, o de favorecer dados do desenvolvimento daquele que aprende, deixando de lado qualquer outra preocupação. E ainda acrescenta-se que uma avaliação não precisa conformar-se a nenhum padrão metodológico para ser formativa. Para facilitar o próprio processo, basta-lhe informar os atores do processo educativo. Deste modo uma avaliação formativa informa os dois principais atores do processo: o professor, que será informado dos efeitos reais de seu trabalho pedagógico e poderá regular sua ação a partir disso. E o aluno, que não somente saberá onde anda, mas também poderá tomar consciência das dificuldades que encontra e tornar-se-á capaz na menor das hipóteses, de reconhecer e corrigir ele próprio seus erros.

Na avaliação formativa é necessário tentar investigar os tipos de evidências mais úteis ao processo, procurar o melhor método de relatar essas evidências, e encontrar formas de reduzir os efeitos negativos associados à avaliação. Nesta perspectiva, é uma avaliação que contribui para melhorar a aprendizagem, pois informa ao professor sobre o desenvolver da aprendizagem, e ao aluno sobre os seus sucessos e fracassos, o seu próprio caminhar. Assim, proporciona segurança e confiança do aluno nele próprio; Por meio de um feedback fornece rapidamente informações úteis sobre etapas vencidas e dificuldades encontradas; promovendo o diálogo entre professor e aluno, bem fundamentado em dados precisos e consistentes.

A avaliação deve desempenhar uma função estimuladora e de incentivo ao estudo. O feedback é importante, pois permite um retorno tanto ao professor quanto ao aluno em relação ao processo de ensino aprendizagem. Para que a avaliação cumpra sua função, é fundamental que o desenvolvimento do processo educativo seja acompanhado de uma análise constante. Uma avaliação que motive o aluno a superar suas dificuldades, e não como instrumento de tortura e punição. Avaliar é perceber se o objetivo foi atingido em relação ao que foi proposto.

Diante disso, a avaliação formativa implica, por parte do professor, flexibilidade e vontade de adaptação, de ajuste. Este é sem dúvida um dos únicos indicativos capazes de fazer com que se reconheça de fora, uma avaliação formativa: o aumento da variabilidade didática. Uma avaliação que não é seguida por uma modificação das práticas do professor tem poucas chances de ser formativa. Por outro lado, compreende-se porque se diz frequentemente que a avaliação formativa é antes de tudo contínua. As correções a serem feitas com o objetivo de melhorar o desempenho do aluno, e que concernem, portanto, tanto a ação de ensino do professor, quanto a atividade de aprendizagem do aluno, são escolhidas em função da análise da situação, tornada possível pela avaliação formativa.

A avaliação tem que ser um instrumento que vai fornecer informações sobre o aluno, como ele está. Se aprendeu ou não. Com esses elementos em mãos, o professor observa se precisa retomar o conteúdo, se precisa trabalhar de forma diferente, ou se todos os alunos já aprenderam.

Dessa forma, o professor pode refazer a si mesmo, na tentativa de repensar o seu trabalho em sala de aula. Cabe a ele repensar a sua atuação didática, verificando de que

forma pode aperfeiçoá-la, para que seus alunos obtenham mais êxito na aprendizagem. É se colocando essas e outras questões que o professor poderá encontrar novos caminhos na tentativa de melhorar o processo de ensino aprendizagem dos alunos de baixo rendimento.

A avaliação é um dos componentes indispensáveis de todo o processo educativo. É fundamental o acompanhamento do desenvolvimento do aluno no processo de construção do conhecimento. O professor precisa caminhar junto com o educando, passo a passo, durante todo o caminho da aprendizagem. Nesse sentido. “avaliar é dinamizar oportunidades de ação-reflexão, num acompanhamento permanente do professor, que incitará o aluno a novas questões” (HOFFMANN, 1995, p. 20).

Sendo assim, a ideia de avaliação formativa corresponde ao modelo ideal de uma avaliação: colocando-se deliberadamente a serviço do fim que lhe dá sentido, torna-se um elemento, um momento determinante da ação educativa, propondo-se tanto a contribuir para uma evolução do aluno, quanto a dizer o que atualmente ele é, inscrevendo-se na continuidade da ação pedagógica, ao invés de ser simplesmente operação externa de controle, cujo agente poderia ser totalmente estrangeiro a atividade pedagógica.

Em uma proposta de avaliação, a ênfase não deve ser somente nas respostas certas ou erradas, mas sim, como o aluno chega a tais respostas, tanto as certas quanto as erradas. “Torna-se sumamente importante o acompanhamento pelo professor das tarefas realizadas pelo educando em todos os graus de ensino”. Diante disso:

Só que esse “acompanhar” abandona o significado atual de retificar, reescrever, sublinhar, apontar erros e acertos. E se transforma numa atividade de pesquisa e reflexão sobre as soluções apresentadas pelo aluno, anotando respostas diferentes, questões não respondidas, registrando-se relações entre soluções apresentadas por ele. (HOFFMANN, 1995, p. 78).

O aluno passa por novos desafios, novas situações e formula e reformula suas hipóteses. Nesta perspectiva: repetir simplesmente, fazer muitas tarefas, não é suficiente para a compreensão do educando. É necessária a tomada de consciência sobre o que se executa. De acordo com essa teoria, igualmente, o objeto do conhecimento não é simplesmente um “dado” de cópia ou repetição, mas sempre o resultado de uma

construção, que pressupõe a organização da experiência de modo a tornar esse “dado” compreensível ao sujeito. Ou seja, compreender não significa repetir ou memorizar, mas descobrir as raízes das coisas, numa compreensão progressiva das ações.

Para avaliar é preciso ter um objetivo planejado. Sem estabelecer objetivo, o professor não conseguirá avaliar seus alunos, pois não saberá se os mesmos atingiram ou não esse determinado objetivo. Isso não ajudará o processo de ensino e aprendizagem e só atrapalhará o desenvolvimento do aluno. A avaliação, portanto, se alcança em função dos objetivos. Esses formam os elementos que norteiam a avaliação.

A avaliação é um processo contínuo e sistemático. Portanto, ela não pode ser esporádica nem improvisada, mas ao contrário, deve ser constante e planejada. Nessa perspectiva, a avaliação faz parte de um sistema mais amplo, que é o processo de ensino aprendizagem, nele se integrando. Como tal, ela deve ser planejada para ocorrer normalmente ao longo de todo esse processo, fornecendo feedback, permitindo a recuperação imediata quando for necessário. Avaliar é conhecer, é contrastar, é indagar, é argumentar, é deliberar, é raciocinar, é aprender.

Quem avalia com intenção formativa quer conhecer a qualidade dos processos e dos resultados, seu objetivo não consiste em atribuir nota ou dar um certificado para o aluno, mas, ajudar tanto ao professor como ao aluno a se deterem na aprendizagem específica, necessária ao domínio da matéria. Dessa forma:

Chega de confundir a avaliação da aprendizagem com exames. A avaliação da aprendizagem, por ser avaliação, é amorosa, inclusiva, dinâmica e construtiva, adversa dos exames, não são amorosos, são excludentes, não são construtivos, mas classificatórios. A avaliação inclui, traz para dentro; os exames selecionam, excluem, marginalizam. (LUCKESI, 2000)

E acrescenta que a mesma deverá levar o aluno a explicitar cada vez mais a sua trajetória, e a interiorizar os critérios que lhes permitam identificar, por si próprio, os aspectos positivos e as falhas do seu percurso, ou das coisas que vai produzindo. Sendo assim, os grandes objetivos da avaliação formativa são de fato, a conscientização por parte do aluno da dinâmica do processo de aprendizagem, (objetivos, dificuldades, critérios) por oposição a uma orientação cega e teleguiada por parte do professor. A luta contra a passividade, mais do que grandes êxitos em aprendizagens pontuais, ou o sucesso em incertas possibilidades diagnósticas e terapêuticas (de remediação). Aprender deve ser algo diferente. Por que realizar a avaliação formativa? Porque visa

melhorar a formação do aluno. Sua preocupação maior é de ajudar o aluno a aprender, e o mestre a ensinar. Por isso deve ocorrer desde o início do ano escolar, em todas as matérias.

Dentre as funções da avaliação formativa, a mais importante é a de instrumento de ajuda. E este instrumento se tornará mais interessante quanto mais essa ajuda for pertinente e adequada aos problemas que vão surgindo.

2.1.3. Avaliação somativa

A avaliação somativa acontece no final do processo de ensino, a fim de atribuir uma nota ou dar um certificado aos alunos, relativo a uma unidade, capítulo, curso ou trabalho semestral, entre outras coisas. Serve para verificar o que o aluno aprendeu depois de todo conteúdo trabalhado pelo professor. É justamente a avaliação que gera tanta ansiedade e angústia entre os alunos, professores e programadores do ensino.

Nessa perspectiva a avaliação somativa, como função classificatória, realiza-se ao final de um curso, período letivo ou unidade de ensino, e consiste em classificar os alunos de acordo com níveis de aproveitamento previamente estabelecidos, geralmente tendo em vista sua promoção de uma série para outra, ou de um grau para outro.

Uma avaliação somativa normalmente é uma avaliação pontual, já que habitualmente, acontece no final de uma unidade de ensino, de um curso, de um ciclo ou bimestre, sempre tratando de determinar o grau de domínio de alguns objetivos previamente estabelecidos.

Acrescentando que se faz um inventário com o objetivo social de pôr à prova, de verificar. Portanto, além de informar, situa e classifica. Sua principal função é dar certificado, titular. A avaliação somativa é a avaliação “tradicional”, que encerra uma fase da aprendizagem, através da verificação dos conhecimentos adquiridos, sancionando os resultados obtidos sob diversas formas e rejeitando o erro.

A avaliação somativa supõe uma comparação, pois o aluno é classificado segundo o nível de aproveitamento e rendimento alcançado, geralmente em comparação com os demais colegas, isto é, com o grupo da classe. E acrescenta que em um sistema escolar seriado, faz-se necessário promover os alunos de uma série para outra, e de um

grau ou curso para outro. O aluno vai ser promovido de acordo com o aproveitamento e o nível de adiantamento alcançado. É com esse propósito que é utilizada a avaliação somativa, com função classificatória, pois ela consiste em classificar os resultados da aprendizagem alcançados pelos alunos no final de um semestre, ano ou curso, de acordo com níveis de aproveitamentos preestabelecidos. Portanto consiste em atribuir ao aluno uma nota ou conceito final para fins de promoção.

A avaliação somativa tem se caracterizado como disciplinadora, punitiva e discriminatória, como decorrência essencialmente da ação corretiva do professor e os enunciados que emite a partir dessa correção. A avaliação exercida apenas com a função de classificar alunos, não dá ênfase ao desenvolvimento e em nada auxilia o crescimento deles na aprendizagem. Luckesi (2002, p. 35), destaca que a função classificatória “subtrai da prática da avaliação aquilo que lhe é construtivo: a obrigatoriedade da tomada de decisão quanto à ação, quando ela está avaliando uma ação”.

A avaliação assume uma dimensão mais abrangente. Ela não se reduz apenas a atribuir notas. Às práticas avaliativas classificatórias, como afirma Hoffmann (2002, p. 16), “fundam-se na competição e no individualismo, no poder, na arbitrariedade presentes entre professores e alunos, entre os alunos e os próprios professores”. Nesse aspecto:

Os alunos têm sua atenção centrada na promoção. O que predomina é a nota; não importa como elas foram obtidas nem por quais caminhos. São operadas e manipuladas como se nada tivessem a ver com o percurso ativo do processo de aprendizagem. Os pais dos jovens, em geral estão na perspectiva das notas dos seus filhos. O importante é que tenham notas para serem aprovados (LUCKESI, 2002, p.16).

A atribuição de nota é vista como meio de controle do aluno, para que ele realize as tarefas propostas pelo professor e mantenha-se disciplinado em sala de aula. E acrescenta-se que a nota passa a ser apenas um fim e não o rendimento escolar do aluno. As notas se tornam a divindade adorada tanto pelo professor como pelos alunos. É a nota que domina tudo; é em função dela que se vive na prática escolar.

A atual prática da avaliação escolar tem estado contra a democratização do ensino na medida em que não tem colaborado para a permanência do aluno na escola e a sua promoção qualitativa. Dessa forma:

A avaliação da aprendizagem existe prioritariamente para garantir a qualidade da aprendizagem do aluno. Ela tem a função de possibilitar uma qualificação da aprendizagem do educando. Observe bem que estamos falando de qualificação do educando e não de classificação. O modo de utilização classificatório da avaliação é um legítimo modo de fazer da avaliação do aluno um instrumento de ação contra a democratização do ensino, na medida em que ela não serve para auxiliar o avanço e crescimento do educando, mas sim para assegurar a sua estagnação, em termos de apropriação dos conhecimentos e habilidades mínimos necessários (LUCKESI, 2002, p. 24).

A prática classificatória da avaliação é antidemocrática, uma vez que não encaminha uma tomada de decisão para o avanço, para o desenvolvimento. Conforme esse autor, a atual prática de avaliação escolar estipula como função do ato de avaliar, a classificação e não o diagnóstico, como deveria ser constitutivamente.

Isso quer dizer que a primeira coisa a ser feita para que a avaliação sirva à democratização do ensino, é modificar a sua utilização de classificatória para diagnóstica, ou seja, a avaliação deverá ser assumida como um instrumento de compreensão do estágio de aprendizagem em que se encontra o aluno, visando tomar decisões suficientes e satisfatórias, para que possa avançar no seu processo de aprendizagem, desse modo a avaliação não seria tão somente um instrumento para a aprovação ou reprovação dos alunos, mas sim um instrumento de diagnóstico de situação, tendo em vista a definição de encaminhamentos adequados para a aprendizagem.

2.2. Instrumentos de avaliação

A avaliação é um processo de coleta e análise de dados. Os recursos que são usados para isso chamam-se instrumentos de avaliação. Para a realização de um processo integral, existe uma variedade de instrumentos avaliativos, sendo que estes devem ser selecionados visando os objetivos propostos.

O professor deve usar todos os recursos disponíveis para obter o máximo de informações sobre o desenvolvimento e o aproveitamento escolar do aluno. Para isso, não convém utilizar apenas um instrumento de avaliação, confiando apenas no seu resultado, mas sim é recomendável o uso de técnicas diversificadas e instrumentos variados para um melhor aproveitamento do ensino aprendizagem. Nessa perspectiva, afirmar que quanto mais dados o professor puder colher sobre os resultados da aprendizagem, utilizando instrumentos variados e adequados aos objetivos propostos, tanto mais válida será considerada a avaliação.

Conforme Luckesi, os instrumentos de avaliação da aprendizagem não devem ser quaisquer instrumentos, mas sim os adequados para coletar os dados que o professor necessita para configurar o estado de aprendizagem do aluno. Nesse aspecto, isso implica que os instrumentos:

a) sejam adequados ao tipo de conduta e de habilidade que estamos avaliando (informação, compreensão, análise, síntese, aplicação);

b) sejam adequados aos conteúdos essenciais planejados e, de fato, realizados no processo de ensino (o instrumento necessita cobrir todos os conteúdos que são considerados essenciais numa determinada unidade de ensino aprendizagem);

c) sejam adequados as linguagens, na clareza e precisão da comunicação (importa que o educador compreenda exatamente o que se está pedindo dele);

d) sejam adequados ao processo de aprendizagem do educando (um instrumento não deve dificultar a aprendizagem do educando, mas ao contrário, servir-lhe de reforço do que já aprendeu. Significa aprofundar as aprendizagens já realizadas) (LUCKESI, 2000, p. 10).

Um instrumento de coleta de dados pode ser desastroso na avaliação da aprendizagem ou em qualquer outro tipo de avaliação, na medida em que não coleta de forma significativa e com qualidade os dados necessários para o processo de avaliação. Nesse caso, um instrumento impróprio pode alterar completamente a realidade, oferecendo uma base inadequada para a qualificação do objeto da avaliação, e conseqüentemente conduzir a uma decisão distorcida. Aplicar instrumentos de avaliação exige muitos cuidados para que não distorçam a realidade.

Nesse sentido, quaisquer que sejam os instrumentos (provas, testes, redação, monografia, dramatização, exposição oral...), necessitam manifestar qualidade

satisfatória como instrumento para ser utilizado na avaliação da aprendizagem escolar, sob pena de estarmos qualificando inadequadamente nossos educandos, e conseqüentemente praticando injustiças. Muitas vezes, nossos educandos são competentes em suas habilidades, mas nossos instrumentos de coleta de dados são inadequados, e por isso os julgamos incorretamente como incompetentes. Na verdade, o defeito está em nossos instrumentos e não no seu desempenho. Bons instrumentos de avaliação da aprendizagem são condições de uma prática satisfatória na escola. O valor da avaliação não está no instrumento em si, mas no uso que se faça dele.

Às vezes os instrumentos são elaborados às pressas, em vésperas ou até mesmo na própria hora da avaliação, sendo portanto um instrumento de má qualidade. A preparação do professor para elaborar, aplicar e analisar instrumentos de avaliação deve ter um foco especial. A qualidade do trabalho desenvolvido pelo professor depende da sua vontade e responsabilidade profissional. O professor bem preparado tem recursos eficazes nas mãos para trabalhar com seus alunos. Nesse sentido, a avaliação tem que ser caracterizada como um processo de cooperação entre professores e alunos. Diante disso:

Instrumentos de avaliação são, portanto, registros de diferentes naturezas. O aluno é levado a fazer os próprios registros, expressando o seu conhecimento em tarefas, testes, trabalhos e outros instrumentos elaborados pelo professor. Ora é o professor quem registra o que observa do aluno, fazendo anotações e outros apontamentos. Quanto mais frequentes e significativos forem tais registros, nos dois sentidos, melhores são as condições do professor de adequar as ações educativas às possibilidades de cada grupo e de cada aluno (HOFFMANN, 2002, p. 119).

Os melhores instrumentos de avaliação são todas as tarefas e registros feitos pelo professor, que auxiliam a registrar uma memória significativa do processo, permitindo uma análise abrangente do desenvolvimento do aluno. O professor precisa compartilhar os níveis de dificuldades do que está sendo avaliado de acordo com os níveis de dificuldade do que foi ensinado aos alunos e aprendido por eles. Nesse sentido:

Um instrumento de avaliação da aprendizagem não tem que ser nem mais fácil nem mais difícil do que aquilo que foi ensinado e aprendido. O instrumento de avaliação deve ser compatível, em termos de dificuldade, com o ensinado (LUCKESI, 2002, p. 178).

Os instrumentos de avaliação devem ser construídos para auxiliar a aprendizagem dos educandos e não como forma de “castigo” para provarem se sabem ou não determinados conteúdos. É necessária a elaboração de instrumentos de avaliação confiáveis para um acompanhamento também confiável.

2.2.1. Auto - Avaliação

A autoavaliação é uma forma de apreciação geralmente usada decorrente de um comportamento intencional. Se o aluno está bem orientado ele sabe dizer o que conseguiu aprender e em que precisa melhorar. A autoavaliação realizada na escola é a apreciação feita pelo próprio aluno dos resultados por ele obtidos.

Em várias escolas, seguindo um viés burocrático da avaliação, os alunos são levados a auto avaliarem-se apenas no final dos períodos letivos, utilizando-se das fichas e roteiros sugeridos pelos professores. Tais instrumentos respondidos pelos alunos costumam ser levados à discussão em conselhos de classe e serem entregues aos pais em anexo a apresentação dos registros de desempenho final.

Embora não entenda a aprendizagem sem um processo permanentemente reflexivo do aprendiz, não considero que tais processos venham ocorrendo verdadeiramente em benefício aos estudantes e professores nas escolas. Centram-se tais processos em questões atitudinais, desvinculando-se da sua finalidade de auto regulação e abstração reflexionante, pertinente à construção do conhecimento (HOFFMANN, 2005, p.53).

Um processo de autoavaliação só tem significado enquanto tomado de consciência individual do educando sobre suas aprendizagens como aspecto essencial ao seu desenvolvimento. Pensando e escrevendo sobre suas estratégias de aprendizagem o aluno objetiva tais estratégias, alargando o campo de sua consciência. Este processo reflexivo se desenvolve no cotidiano da sala de aula pelo exercício do aluno de pensar sobre o seu pensamento, pensar sobre suas atitudes, analisar criticamente ideias defendidas, observar seus exercícios e tarefas para complementá-las. O ato de avaliar está presente em nosso cotidiano, não podemos excluí-lo das situações de aprendizagem, já que aprendemos o tempo todo.

Os professores têm que prestar atenção sobre os alunos, garantindo condições de autorreflexão e descobertas, ter um diálogo intenso, evitando posturas defensivas. Esses são alguns caminhos para a promoção de aprender a aprender.

2.2.2. Observação e seu registro

O professor está constantemente observando seus alunos. A observação é a técnica de avaliação mais comum na escola, sendo utilizada desde longa data. É a técnica de que o professor dispõe para melhor conhecer o comportamento de seus alunos, identificando suas dificuldades e avaliando seu desempenho nas várias atividades realizadas e seu progresso na aprendizagem.

A observação permite avaliar objetivos educacionais que não podem ser apreciados com a mesma eficiência por outras técnicas. A observação direta dos trabalhos realizados e do comportamento dos alunos em sala de aula ou fora dela, pode ser a melhor maneira de colher e registrar informações, permitindo avaliar:

Os dados obtidos através da observação podem ser usados de forma proveitosa na apreciação de resultado do aproveitamento do aluno como também para o aperfeiçoamento do trabalho didático em sala de aula, pois a partir das conclusões de suas observações, o professor pode introduzir modificações para adaptar os conteúdos curriculares e melhorar as estratégias de ensino, (HAYDT, 1998, p. 126).

Para que os dados obtidos sejam realmente úteis eles devem ser anotados, constituindo um registro de fatos significativos da vida escolar do educando, sendo geralmente chamados de anedotário, ou seja, a avaliação dentro de uma organização, escolar ou empresa passa por valores de juízo de quem avalia, seja o professor/gerente ou quem estiver no lugar dele.

Ficha cumulativa como o próprio nome indica, é uma ficha individual que acompanha o aluno de série em série, onde são registrados os fatos mais significativos de sua vida escolar, como o aproveitamento e as dificuldades na aprendizagem, resultados de testes e provas, promoção no final de cada ano letivo e também informações sobre o seu desenvolvimento físico e emocional, habilidades e reações comportamentais mais frequentes. Esse tipo de ficha também contém espaços para que o professor de cada série possa anotar sua opinião

sobre o aluno, seu rendimento e ajustamento pessoal (HAYDT, 1998, p. 129).

Nas relações cotidianas da sala de aula o professor apresenta muitas práticas e saberes aprendidos em outros ambientes, outras situações, e muitas vezes exclui de sua prática elementos que pertencem ao domínio escolar. É preciso que o professor apresente práticas que acontecem no dia a dia do ambiente escolar para uma melhor compreensão do aluno.

2.2.3. Prova

A prova geralmente é o instrumento mais utilizado no ensino fundamental, muitas vezes seu uso acaba sendo motivo de receio pelos alunos, que só de ouvir o professor mencioná-la já ficam assustados. Na maioria das vezes é usada como instrumento punitivo e com o objetivo de atribuir nota. Dessa maneira a prova causa medo e stress, sendo associada somente à prática de classificação.

Sendo utilizada como um instrumento formativo, onde o professor tenha claro os objetivos que direcionam seu trabalho, sem a finalidade de somente medir e atribuir nota. A prova pode ser um instrumento muito proveitoso para avaliar os alunos.

2.2.4. Prova dissertativa

Apesar de testes objetivos serem muito usados na avaliação do desempenho escolar dos alunos, as provas dissertativas continuam sendo amplamente aceitas e adotadas pelos professores. A questão dissertativa é aquela em que o aluno utiliza suas próprias palavras para escrever a resposta. Ela pode ser apresentada através de uma ou várias perguntas sobre a forma a ser desenvolvida ou enunciando o título de um tema (HAYDT, 1998, p. 114).

Nessa perspectiva a prova de dissertação é indicada para avaliar certas habilidades intelectuais, como a capacidade de organizar, analisar e explicar conteúdos, relacionar fatos ou ideias, interpretar dados e princípios, realizar inferências, analisar

criticamente uma ideia emitindo juízos de valor e expressar as ideias e opiniões por escrito com clareza e exatidão (HAYDT, 1998, p.114).

O aluno diante da resolução da prova dissertativa apresenta certa liberdade quanto ao vocabulário e organização da sua resposta. Para estruturá-la e escrevê-la ele precisa se concentrar nos aspectos mais abrangentes do conteúdo, destacando suas relações e não somente se deter em alguns pontos específicos do conhecimento.

2.2.5. Portifólio

O portfólio é um instrumento de avaliação que consiste em uma coleção dos trabalhos que o educando realizou em um período de vida acadêmica, seja por um semestre, um ano ou quatro anos. Estes trabalhos selecionados com o auxílio do professor evidenciam os esforços, as habilidades, as melhores ideias, as áreas fortes e fracas dos educandos.

Nesse sentido, é importante que a cada dia seja feito pelo menos um registro, pois isso facilita ao professor e ao aluno um retrato dos passos percorridos na construção da aprendizagem. Essa característica de registro tem o sentido de mostrar a importância de cada momento como uma situação de aprendizagem. O aluno é então avaliado por todos esses momentos

Tendo em vista que o problema de pesquisa que deu origem a essa monografia parte da avaliação e do papel da equipe pedagógica, vários autores falam de como a avaliação da aprendizagem deve ser feita com os alunos de maneira justa, não prejudicando assim o desenvolvimento cognitivo do aluno, e como a equipe pedagógica pode contribuir juntamente com o professor oferecendo ao aluno uma educação com qualidade, respeitando com isso a individualidade de cada aluno.

A avaliação da aprendizagem deveria ser um processo contínuo, analisando o antes e o depois, mas na verdade só acontece uma avaliação superficial, não avaliando o processo de transformação do aluno, servindo somente para medir o conhecimento.

Ao avaliar o aluno, o professor deve levar em consideração dois critérios básicos: a avaliação da aprendizagem de acordo com os objetivos estabelecidos em seu plano de curso e a autoavaliação do seu trabalho por meio de respostas dos alunos.

Já que o conhecimento é uma construção humana gradual, em que a partir de um determinado conhecimento outros vão se somando, cada aluno se apropriará dos conteúdos estudados de acordo com seu ritmo pessoal, passando por assimilação e acomodação. Assim, ele trabalha, reelabora as informações recebidas de forma progressiva e crescente; por isso é necessário considerar na avaliação o processo do rendimento escolar, e não o produto.

Para o aluno, a avaliação deve ser um instrumento de tomada de consciência de suas conquistas, dificuldades e possibilidades para a reorganização do seu investimento na tarefa de aprender.

A avaliação do rendimento escolar, assim, em vez de ser um procedimento excludente ou um instrumento de penalização do aluno, contribuirá não só para o aperfeiçoamento do processo ensino-aprendizagem pelo professor, mas também para a conscientização desse mesmo processo por parte do aluno. É preciso antes de tudo avaliar e valorizar os progressos, os avanços e as conquistas do aluno em termos de aprendizagem e não se apegar de modo exagerado ao que ele ainda não aprendeu. Esse tipo de avaliação constitui um importante fator de crescimento mútuo, porque além de desenvolver a autocrítica tanto no aluno quanto no professor, estimula ambos a encontrarem soluções para as dificuldades apresentadas.

A palavra avaliação, em si sempre causou grandes medos nos alunos, pois é a maneira que o sistema educacional encontrou para medir o conhecimento que o aluno adquiriu durante a sua aprendizagem. Mas em alguns momentos é feita de forma punitiva, discriminatória, visando só o conteúdo e não a aprendizagem, e até mesmo o professor não consegue ultrapassar o preconceito pré-existente que tem contra a turma.

III – METODOLOGIA E APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Uma pesquisa é fundamental a todos os demais tipos de investigação já que não se pode promover o estudo de algo sem identificar o que já foi produzido sobre o assunto, evitando tomar como inédito o conhecimento já existente, repetir estudos já desenvolvidos, bem como elaborar pesquisas desguarnecidas de fundamentação teórica.

Por ser etapa obrigatória a todos os demais tipos de pesquisa não há unanimidade entre os autores sobre a caracterização de estudos eminentemente

bibliográficos, como pesquisas científicas, embora esse tipo esteja presente na maioria das classificações.

Esta pesquisa é resultado de uma leitura baseada em fundamentações teóricas sobre vários autores que se dedicam ao estudo da avaliação da aprendizagem e da investigação das práticas pedagógicas adotadas por professores no cotidiano escolar.

Nosso estudo se configura como uma pesquisa qualitativa. Segundo Ludke (1986), esse tipo de pesquisa envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada.

No primeiro capítulo foi realizada uma pesquisa bibliográfica a qual segundo Köche (1997), levanta o conhecimento disponível na área, identificando as teorias produzidas, analisando-as e avaliando suas contribuições para compreender ou explicar o problema objeto da investigação.

Já para o segundo capítulo da pesquisa, podemos classificá-la como pesquisa exploratória, esta ainda segundo o Köche (1997), Objetiva descrever a natureza das variáveis que se quer conhecer.

Foi apresentado a nove professores da escola um questionário contendo 11 itens que contemplavam sobre assuntos pedagógicos e avaliativos no sentido de nos fornecer dados concretos acerca do objeto da pesquisa. Em cima das repostas ao questionário foi possível apresentar e analisar os dados obtidos e conseqüentemente apresentar algumas considerações.

3.1. Situando a escola-campo de nossa investigação.

A E.E.E.F.M.P. Professora Maria do Carmo de Miranda, foi criada em 04 de março de 1986 e recebeu o nome de “Escola Normal Estadual Ministro Pereira Lira”, em homenagem ao Mestre Paraibano e Professor José Pereira Lira. No ano de 1992 passou a se chamar Escola Normal Estadual Professora Maria do Carmo de Miranda, em homenagem a sua diretora falecida. Em 2009 passou a oferecer mais um curso além do magistério: o Ensino Médio Integrado em Secretariado que tem a duração de 03 (três) anos. Em 2011 a escola passou a se chamar Escola Estadual de Ensino

Fundamental Médio Profissionalizante Professora Maria do Carmo de Miranda. Em 2013 a referida unidade de Ensino passou a oferecer o Ensino Médio Regular.

A E.E.E.F.M.P. Professora Maria do Carmo de Miranda em 2014 conta com uma matrícula total nos três turnos de 395 (trezentos e noventa e cinco) alunos, sendo 56 (cinquenta e seis) alunos no Ensino Médio na Modalidade Normal; 96 (noventa e seis) discentes no Ensino Médio Integrado em Secretariado; 100 (cem) matriculados no Ensino Médio Regular; 123 (cento e vinte e três) alunos nas séries iniciais (1º ao 5º) do Ensino Fundamental e 20 (vinte) matriculados na Sala de Recursos Multifuncional .

O projeto político pedagógico da escola diz que o processo de avaliação deve se dá de forma contínua e formativa, configurando-se como um instrumento de apoio ao andamento do trabalho escolar em todas as suas dimensões. Essa avaliação deve ser realizada por todas as pessoas que participam direta ou indiretamente do processo ensino e aprendizagem para que possam ver com olhares diferenciados e complementares, possibilitando assim um maior número de parâmetros e diagnósticos que poderão contribuir e gerar intervenções e mudanças em busca da qualidade, eficiência e compromisso de toda instituição escolar.

3.2. Identificação dos entrevistados

O trabalho foi baseado em 9 entrevistas e perguntas semi estruturadas com educadores do sexo masculino e feminino com idades entre 42 e 59 anos, e com tempo de serviço variando de 18 a 29 anos. São seis educadores do sexo masculino e três do sexo feminino, totalizando nove educadores, ou seja, 33% deles são do sexo feminino e 67% são do sexo masculino, sendo que três desses estão entre 42 e 49 anos de idade, o que significa 33%, que são do sexo feminino. Um está entre 50 e 55, ou 11%, cinco, estão entre 56 e 59, o que quer dizer 55,5%. Em relação ao tempo de serviço apenas dois educadores possuem 18 anos, e sete possuem 29 anos. De acordo com os dados obtidos sete professores já estão próximos da aposentadoria.

No tocante à formação acadêmica dos entrevistados, dos 9 entrevistados, quatro possuem apenas graduação, ou seja curso superior de licenciatura com habilitação para as disciplinas que lecionam, sendo um do sexo feminino e três do sexo masculino, e

todos com 29 anos de tempo de serviço. Quatro possuem além da graduação com curso superior de licenciatura, especialização nas áreas em que lecionam, sendo também um do sexo feminino e três do sexo masculino, sendo dois com 18 anos de tempo de serviço e dois com 29 anos, e apenas um professor do sexo feminino, com 29 anos de tempo de serviço, que além de possuir os cursos de graduação e especialização possui também o curso de mestrado. Todos eles dentro da sua área de atuação.

Os nove educadores consultados exercem apenas a função de professor em suas respectivas disciplinas não havendo, portanto, acúmulo ou desvio de funções. Isso significa uma maior disponibilidade dos mesmos para com a disciplina que lecionam.

A professora “M”, afirma: O curso de mestrado me deu uma maior visão e experiência para poder desempenhar minhas funções pedagógicas.

IV – ANÁLISE DOS DADOS

Os dados coletados são predominantemente descritivos. O material obtido na pesquisa é baseado nas respostas dos professores ao questionário a eles aplicado.

Na pesquisa indagamos os entrevistados acerca da aplicação das avaliações com suas turmas. As respostas obtidas são apresentadas a seguir.

4.1. O processo de avaliação no cotidiano escolar

Seis dos nove consultados afirmaram fazer avaliação diagnóstica com seus alunos apenas no início do ano e três responderam não fazê-la em momento algum da aprendizagem, ou seja, 67% deles aplicam a avaliação diagnóstica e 33% não aplicam.

De acordo com os estudos realizados sobre a avaliação diagnóstica, vimos que a mesma tem o objetivo de determinar a presença ou ausência de conhecimentos e habilidades, inclusive buscando detectar pré-requisitos para novas experiências de aprendizagem. Devendo a mesma ocorrer no início de cada ciclo de estudos, pois a variável tempo pode favorecer ou prejudicar as trajetórias subsequentes, caso não se faça uma reflexão constante, crítica, participativa.

Esse tipo de avaliação pode ser realizado através de instrumentos diversos como: teste diagnóstico, ficha de observação ou instrumento elaborado pelo professor.

Segundo Sant'anna, (1995, p. 33) “a avaliação diagnóstica é uma etapa do processo educacional que tem por objetivo verificar em que medida os conhecimentos anteriores ocorreram e o que se faz necessário planejar para solucionar dificuldades encontradas”.

À medida em que esta avaliação não é realizada o professor fica sem saber por onde o aluno caminhou, onde se equivocou e, a partir daí, construir caminhos para promover o aprendizado do educando.

O professor “M” diz: A avaliação diagnóstica me dá meios de avaliar o nível da turma, dando-me subsídios para elaborar o plano de curso de acordo com o nível dos alunos.

Uma outra questão levantada junto aos professores diz respeito a modalidade formativa da avaliação. Dentre os entrevistados obtivemos os seguintes resultados: seis dos nove entrevistados afirmaram que praticam a avaliação formativa, ou seja, 67%, e três deles ou 33% afirmam que não praticam esse tipo de avaliação com seus alunos.

A avaliação formativa é realizada com o propósito de informar ao professor e ao aluno sobre o resultado da aprendizagem durante o desenvolvimento das atividades escolares. Através dela é possível localizar deficiências na organização do processo ensino e aprendizagem de modo a possibilitar reformulações no mesmo e assegurar o alcance dos objetivos. É a avaliação que usa todas as informações disponíveis sobre o aluno para assegurar sua aprendizagem. A interação entre professor e aluno durante um período ou curso é um processo muito rico, oferecendo oportunidade para que se obtenham vários dados. Cabe ao professor estar atento para identificá-los, registrá-los e usá-los em benefício da aprendizagem.

A avaliação formativa é aquela em que existe o acompanhamento do aluno, e que promove a aprendizagem tanto do aluno como do professor, em oposição à avaliação tradicional que visa a aprovação e a reprovação, à atribuição de notas, e que se vale quase que exclusivamente da prova.

O professor “G” fala: Costumo aplicar a avaliação formativa por entender que esta modalidade de avaliação me dá condições de trocar experiências com os alunos

No que tange a avaliação somativa, como já foi esclarecida no segundo capítulo desta monografia, esta tem entre outras funções a de classificar os alunos ao final da unidade, semestre ou ano letivo segundo níveis de aproveitamento apresentados. No

momento atual a classificação do aluno se processa segundo o rendimento alcançado, tendo por parâmetro os objetivos previstos. A classificação deve se processar conforme parâmetros individuais e grupais.

Buscou-se então indagar aos entrevistados acerca dos instrumentos avaliativos que os mesmos utilizam para avaliar seus alunos, onde constatamos que as provas objetivas e trabalhos individuais são os instrumentos avaliativos mais usados por três dos nove professores, ou seja, 33%, provas objetivas, trabalhos individuais e em grupos por dois professores, ou 22%, provas dissertativas, trabalhos individuais e em grupos por dois professores, ou 22% e provas dissertativas, trabalhos individuais e em grupos, e pesquisas na internet, por dois professores, ou 22%.

Observamos que os professores das disciplinas da área das ciências exatas (química, física, matemática) costumam utilizar provas objetivas e trabalhos individuais como instrumentos de avaliação mais frequentes. Já os da área das ciências humanas (história, geografia) optam por utilizar com mais frequência as provas dissertativas, trabalhos individuais e em grupos e, também, pesquisas na internet. Os cálculos das disciplinas das ciências exatas geralmente não necessitam serem descritos de forma dissertativa, ao contrário das ciências humanas.

Os critérios de avaliação, mesmo que o professor utilize quaisquer instrumentos avaliativos, têm que ser um elemento para diagnosticar o rendimento escolar, verificando-se quais os alunos que necessitam de ajuda ou atendimento pedagógico específico, essas verificações devem ser constantes e contínuas. Os resultados são acima de tudo um meio para confirmar ou não o progresso do aluno, o alcance dos objetivos estabelecidos. A utilização exclusiva de provas escritas para decidir a trajetória de estudos do aluno deixa de considerar os diferentes estilos e manifestações da aprendizagem. A prova é um instrumento que pode ser útil quando está associada a outros procedimentos.

A professora “N” afirma: As provas dissertativas fazem com que o aluno crie sua própria linha de pensamento sobre o assunto, não cabendo, portanto, marcar respostas ao acaso.

As concepções e práticas de avaliação decorrem das concepções e práticas relativas aos processos de ensino e aprendizagem com as quais devem estar

estritamente ligadas, as quais por sua vez refletem perspectivas sobre o que significa hoje uma escola básica e uma educação para todos com qualidade.

4.2. O educador e o educando frente ao processo de avaliação

O educador é um agente produtivo e renovador se trabalhar com o aluno de forma a desenvolver integralmente suas capacidades.

Dentre os nove entrevistados, sete responderam que acompanham o desenvolvimento de seus alunos entre uma aprendizagem e outra, o que equivale a 78%, apenas dois, disseram não fazer tal acompanhamento.

A aprendizagem se processa pela interação do indivíduo que aprende com o objeto a ser conhecido, o que ocorre pela ação do sujeito frente ao objeto.

O professor “E” discorre: Acompanho o desempenho dos alunos entre uma avaliação e outra para verificar se está havendo progresso por parte deles.

Os nove professores respondem no questionário, que os alunos se comportam de maneira natural tanto frente às avaliações quanto aos resultados das mesmas, eles não se decepcionam quando não atingem determinados conceitos avaliativos nem tão pouco se manifestam quando os atingem. A partir do exposto podemos deduzir que falta aos alunos uma compreensão da real importância da avaliação no processo de ensino e aprendizagem.

O professor “G” opina: Os alunos não compreendem o valor de uma avaliação por não terem objetivos definidos em relação aos seus futuros.

Essa falta de compreensão é um dado significativo, ela reflete a forma como vem se dando o processo de avaliação do ensino e aprendizagem nas escolas, processo esse que não desperta interesse no educando brasileiro, levando-o muitas vezes a abandonar os estudos e procurar trabalho, ao invés de continuar os estudos. Uma avaliação precisa se alicerçar em objetivos claros, simples e precisos, coerentes com os objetivos educacionais. É preciso levar em consideração a necessidade de uma ação cooperativa entre os participantes do processo, uma ação coletiva consensual. Como afirma Sant’anna, (1995, p. 11).

Enquanto a avaliação permanecer atrelada a uma pedagogia ultrapassada, a desistência ao estudo permanecerá, e o aluno, o cidadão, o povo brasileiro continuará escravo de uma elite intelectual, voltada para os valores da matéria e ditatorial, fruto de uma democracia opressora.

4.3. A compreensão do educador acerca da avaliação da aprendizagem

Uma das questões que foi levantada junto aos professores dizia respeito à avaliação da aprendizagem no atual contexto educacional brasileiro. Os nove entrevistados têm opiniões de que a avaliação da aprendizagem é um processo importante na educação brasileira por se tratar de uma prática pedagógica que está sendo repensada em todo o país. É o termômetro que permite confirmar o estado em que se encontram os elementos envolvidos no contexto escolar. Ela tem um papel altamente significativo na educação. É preciso sugerir meios e modos de tornar a avaliação mais justa, mais digna e humana.

De acordo com os professores pesquisados a avaliação desenvolvida durante o processo de ensino e aprendizagem deve estar vinculada a um projeto educativo mais amplo, que na sua elaboração á nível de escola deve contar com a participação dos professores, alunos, demais profissionais da escola, pais ou responsáveis e representante da comunidade onde a escola está inserida.

A avaliação existe para melhorar processos. Os resultados da avaliação têm que se aproximar dos modelos qualitativos que informam sobre os progressos dos alunos em função da sua capacidade e não em relação aos outros colegas.

Se a opção do professor for por uma educação que possibilite aos alunos o acesso a instrumentos que vão auxiliar na transformação da sociedade os seus objetivos devem enunciar claramente essas proposições. Deve ficar evidente o que vai ser essencial para a aprendizagem daquele grupo de alunos, os conteúdos que serão relevantes, as habilidades e atitudes que irão contribuir no âmbito de sua disciplina com a formação de um indivíduo consciente, crítico e capaz de orientar o seu próprio aprendizado.

A avaliação no ensino básico como, aliás, em todos os níveis de ensino é uma questão complexa, em permanente discussão e geradora de muitas tensões. A avaliação

é um elemento integrante e regulador das práticas pedagógicas, mas assume também uma função de certificação das aprendizagens realizadas e das competências desenvolvidas. Além disso, tem influência nas decisões que visam melhorar a qualidade do ensino, assim como na confiança social quanto ao funcionamento do sistema educativo.

A partir dos resultados obtidos por esse estudo verificamos que muitos professores compreendem e são conscientes do real significado do processo de avaliação.

A maioria das respostas dos professores nos questionários foi voltada para uma concepção de avaliação que visa o desenvolvimento do aluno ao longo do processo de ensino e aprendizagem e não somente à classificação dos mesmos. Porém, podemos observar por meio das respostas ao questionário, que apesar de a maioria dos professores responder que realiza feedback e que acha importante a aplicação do mesmo, visando uma avaliação formativa e não classificatória, a nota ainda é o aspecto primordial dentro do contexto avaliativo como critério de avaliação.

A formação continuada dos professores por meio de grupos de estudos, em consonância com a equipe pedagógica da escola pesquisada em relação à avaliação, seria benéfica para todos, pois daria mais subsídios para que professores e equipe pedagógica atualizassem ainda mais suas ações metodológicas no que diz respeito ao processo avaliativo.

A avaliação efetiva se dá durante o processo, nas relações dinâmicas de sala de aula que orientam as tomadas de decisões frequentes, relacionadas ao tratamento do conteúdo e a melhor forma de compreensão e produção do conhecimento pelo aluno.

4.4. Equipe pedagógica e o processo de avaliação

A equipe pedagógica realiza a sua função de orientação dentro da escola, o que torna o processo de avaliação do ensino e aprendizagem em um acompanhamento técnico específico e com compartilhamento, pois há encontros permanentes entre professores e equipe e todos fazem as suas avaliações coletivamente.

A equipe pedagógica é composta por supervisor de ensino, orientador educacional e corpo docente. É responsável pela coordenação das ações didático-pedagógicas que acontecem na instituição escolar. Funciona como elo que une as partes envolvidas processo ensino e aprendizagem dos alunos estabelecendo uma ponte entre direção, professores, alunos e pais, formando uma rede interligada por interesses comuns.

Os nove entrevistados afirmam que a equipe pedagógica acompanha os professores durante o período da elaboração das avaliações como também participa das construções dos planos de cursos e das propostas curriculares da escola, se envolvendo também com as ações dos planejamentos.

Segundo o projeto político pedagógico (PPP) o conselho pedagógico é quem define os critérios gerais de avaliação á nível da escola, em interação com os departamentos curriculares, os quais relacionam esses critérios com o desenvolvimento das orientações para as diversas áreas disciplinares.

Os nove entrevistados dizem que a equipe pedagógica acompanha as análises dos resultados das avaliações auxiliando os professores nessa função, que se reúnem em conselhos de classes a cada final de bimestre para analisar o desempenho de seus alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que a avaliação não deve se restringir simplesmente para julgar os fracassos e os sucessos dos alunos e sim, que ela deve ser compreendida como um conjunto de práticas que tem a função de alimentar, sustentar e orientar a intervenção pedagógica que o professor utiliza junto aos alunos, pois o ato de avaliar é uma fonte de conhecimento e de novos objetivos a serem alcançados no sentido permanente do processo educativo.

A avaliação deve acontecer de forma contínua e sistemática, durante o ano letivo, e os instrumentos e as estratégias utilizadas para avaliar a aprendizagem devem ser variadas e aplicadas em todos os momentos do processo educativo. Por meio de uma observação sistemática do desempenho dos alunos nas atividades o professor terá condições de saber como seus alunos pensam, interagem e aprendem, obtendo pistas do que eles não estão compreendendo, para poder interferir e auxiliá-los em sua aprendizagem.

É importante contemplar também a observação da qualidade da aprendizagem alcançada pelos alunos ao final de um período de trabalho, seja este determinado por um fim de bimestre ou de ano, seja pelo encerramento de um projeto ou por uma sequência didática. Com isto, tanto o professor quanto o aluno veem que a avaliação contínua do processo subsidia a avaliação final e ambos podem saber nos diferentes momentos, o que foi aprendido pelos conteúdos estudados.

Ao término deste trabalho chega-se à verificação de que em todo o ambiente escolar as avaliações acontecem, provocando mudanças a cada dia, interferindo no crescimento intelectual e na formação do caráter do aluno, na aquisição de valores e na construção da vida profissional dos educandos.

Sempre haverá diferentes opiniões sobre os tipos de avaliação que se encontram no processo ensino e aprendizagem, porém as partes aprenderão com a situação e procurarão resolvê-la de forma sadia e respeitosa. É importante que a natureza social do homem seja vista com estudo, reflexão e planejamento em todos os momentos do cotidiano escolar. Ter consciência e saber aplicar estratégias motivadoras a serem utilizadas entre os componentes do ambiente escolar resultará em uma aprendizagem significativa e prazerosa.

REFERÊNCIAS

- BRASIL (1971). Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB – n* 5.692.
----- (1996) Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB – n* 9.394.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares Nacionais. Secretaria de educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- GHIRALDELLI JR., Paulo. História da educação. São Paulo: Cortez, 1990.
_____. História da educação brasileira. 4: ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- HAYDT, Regina Cazaux. A avaliação do processo ensino aprendizagem. São Paulo: Ed. Ática, 1998.
- HOFFMANN, Jussara. Avaliação Mediadora. Minas Gerais: Ed. Mediação, 1995.
- KÖCHE, José Carlos. Fundamentos de Metodologia científica: teoria e prática da pesquisa. Petrópolis: Vozes, 1997.
- LUCKESI, Carlos C. Avaliação Educacional escolar: para além do autoritarismo. Tecnologia Aplicada, 1984.
- LUDKE, Menga. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- SANT'ANNA, Ilza Martins. Por que avaliar? : Como avaliar? : Critérios e instrumentos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- SOARES, Magda. Natureza interdisciplinar da leitura e suas implicações na metodologia de ensino. In: Leituras no Brasil. Campinas: mercado da Letras, 1995.
- SOUZA, Clarilza Prado. Avaliação do rendimento escolar. Campinas: Papyrus, 1991

APÊNDICES



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E INTERDISCIPLINARES

Questionário n° _____

Prezado(a) professor(a), sendo aluno do Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares, da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, espero contar com seu apoio quanto ao preenchimento deste questionário, que tem como principal objetivo a realização de um trabalho acadêmico. Antecipadamente agradeço sua valiosa colaboração.

Dados pessoais:

Sexo: () Feminino () Masculino

1. Faixa etária:

- | | | |
|---------------------------|---------------------------|------------------------|
| () Entre 21 a 25 anos | () Entre 41 a 45 anos | () Entre 61 a 65 anos |
| () Entre 26 a 30 anos | () Entre 26 a 50 anos | () Mais de 65 ano |
| () Entre 31 a 35 anos | () Entre 51 a 55 anos | |
| () Entre 36 a 40
anos | () Entre 56 a 60
anos | |

2. Formação acadêmica:

- Graduação em _____
(Concluído ou em andamento? _____).
- Especialização em _____
(Concluído ou em andamento? _____).
- Mestrado em _____
(concluído ou em andamento? _____).
- Doutorado em: _____
(Concluído ou em andamento? _____).

3. Disciplinas que leciona: _____;

_____;

4. Você costuma fazer avaliação diagnóstica com seus alunos?

() Sim () Não.

➤ Em caso positivo, com que frequência? _____

5. Você costuma acompanhar o desenvolvimento de seus alunos entre uma avaliação e outra?

() sim () não

➤ Em caso positivo, de que forma? _____

6. Dentre as modalidades de avaliação abaixo descritas, qual (is) a/as que você utiliza com mais frequência com seus alunos?

() diagnóstica, () formativa () somativa.

7. Quais os tipos de instrumentos avaliativos você costuma usar para com seus alunos? _____

8. Como os alunos se comportam frente às avaliações e seus resultados?

_____.

9. Existe acompanhamento da equipe pedagógica no período da elaboração das avaliações?

() sim () não.

- Justifique sua resposta: _____

10. Existe acompanhamento da equipe pedagógica no período da análise dos resultados das avaliações?

() sim () não

- Justifique sua resposta: _____

11. Expresse sua opinião sobre avaliação da aprendizagem no atual contexto educacional brasileiro. _____

_____.

OBS. Esse material é para uso exclusivo de nosso trabalho de conclusão de curso e garantimos total sigilo do respondente.